ANO 5.º — Sexta-feira, 3 de Maio de 1912 — NUMERO 219

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

CONGRESSO REPUBLICANO

Marca cértamente uma data historia memoravel nos anáes do Partido Republicano Português o ultimo Congresso realisádo em Braga, a velha cidade dos arcebispos, nos tempos do velho regimen considerádo o principal fóco do ultramontanismo.

Negar-lhe importancia, como tentam os dissidentes republicanos, e com êles os reaccionarios de todos os matizes, é ainda o reflexo do seu valor como força democratica, organisada para um fim determinado, como seja a defeza dos principios do programa do partido republicano historico, que fez a Revolução de 5 de Outubro e que, custe a quem custar, a ha-de consolidar sobre as bases dêsse mesmo programa, que são os alicerces duma democracia sem sofismas.

Não só pelo numero dos congressistas, das inumeras adesões recebidas, pois foi o mais concorrido de todos os congressos republicanos já hoje realisádos em Portugal, mas ainda pela sua orientação politica, pela discussão serena da lei organica que para o futuro o deve reger, êle se impôz como a concretisação a vontade republicana do povo português, legitimamente representada por aquêles que já no tempo da deposta monarquia tudo sacrificavam ao seu ideal e que, hoje ainda, estão dispostos a novas batalhas para que a Republica Portuguêsa seja verdadeiramente republicana na sua orientação politica e social.

Todavia, não foi um pregão de guerra que os seiscentos congressistas, pela palavra quente e entusiastica de Afonso Costa, fizeram ouvir nos arraiaes dos dissidentes republicanos; foi antes uma suplica ardente para que os antigos combatentes, agora transviádos por uma errada orientação das suas ideias e das suas acções, de novo viessem enfileirar junto dos seus irmãos de armas, cruzádos do mesmo ideal, soldados da mesma aspiração, até que a Republica nada tenha a temer nem dos seus inimigos internos, hipocritas e cobardes, nem dêsses que fóra da Patria contra éla conspiram, vendidos, como traidôres, aos jesuitas expulsos e, quiçá, ao estrangeiro cubiçoso dos nossos dominios coloniaes.

Essa união, essa nova integração de todos os republicanos no seu antigo partido, sob a bandeira do seu programa democratico, foi, com certeza, a mais simpatica de todas as aspirações que viram á flux no Congresso.

Não se pretende realisar a utopia de todos os membros dêsse grande partido republicano terem paridade de pensar em todos os problemas politicos e sociaes que hão-de ser resolvidos para bem da Patria portuguêsa, dada a sua complexidade; mas um certo numero de principios existem que fórmam, por assim dizer, o *substratum* duma verdadeira democracia e sem os quaes éla legitimamente não póde subsistir.

E' sobre êles, como seja a separação do Estado das Egrejas, o serviço militar obrigatorio, as leis da Regularisação do Trabalho e a protecção ás classes laboriosas, a fusão do ensino e poucos mais, que se péde unidade de acção, para libertar as consciencias dos dogmas jesuiticos, para egualar os cidadãos perante o chamado tributo de sangue, para obstar á exploração do homem pelo homem, para iluminar os cerebros pelo sol fecundante da instrução, para que, em resumo, num país livre da tutéla de uma monarchia reaccionaria e saqueadôra dos cofres públicos, os cidadãos sejam livres tambem pela egualdade dos direitos e pela independencia dos seus actos, subordinados aos principios basilares da Liberdade social.

Conseguir-se-ha esse desideratum?

Em bréve tempo o saberêmos pois que ao Directorio, que vai agora unanimemente confirmada a sua eleição, como homenagem á sua boa orientação republicana, essa taréfa incumbe em primeiro logar. E bem facil éla seria se todos quizessem, por amôr da Patria e por amôr da Republica, sacrificar o seu amôr proprio que não é mais que a manifestação, a maior parte das vezes, duma mesquinha vaidade pessoal ao bem geral, ao engrandecimento e aperfeiçoamento das nossas instituições republicanas.

Quando assim não seja a luta tem de travar-se e não é dificil prever para que lado penderá a vitória pois que o partido republicano português pela sua união, pela experiencia de longos anos de oposição contra o despotismo monarquico, pelas ideas que sempre defendeu e que hoje continúa a defender, pelo seu enorme valor agora evidenciádo no Congresso, tem por si todos os elementos que o hão-de tornar vencedor.

Nós fazemos votos, como sempre fizemos, para que, antes de dar a batalha definitiva aos reaccionarios monarquicos e claricaes, a que as luctas entre republicanos dão alento, não tenhâmos de nos declarar inimigos dos nossos antigos camaradas, agora separádos da mesma aspiração e do mesmo ideal, que é um apenas—o bem da nossa Patria e o engrandecimento da Republica.

Foi esse o voto do Congresso e por certo será tambem o de todos quantos quizerem ser bons e leaes portuguêses.

AO SR. GOVERNADOR CIVIL

A v. ex.ª transmitimos as informações, que mais duma pessoa, de todo o crédito e verdade, nos tem trazido.

Ha um colégio que funciona junto ao edifício do govêrno civil, e que foi ali estabelecido em seguida ao encerramento dos que existiam em diversos conventos, como o de Santa Joana.

Nêste colégio onde são professoras senhoras que, naquêles que fôram encerrádos, desempenharam eguais funções, a começar pela sua proprietaria, continua a ser administrada a mesma jesuitica e fradesca educação, sustentando as creanças ao peito medalhas, com as imagens da Senhora da Conceição de mistura com a do bandido Paiva Couceiro, antiga bandeira da monarquia e retrato do *Manéca*, que por aí se manteve á frente da *talassaria* nacional dois anos e pico.

Mais nos informam que no referido colégio ensinam doutrina religiosa, sem atenção pelas prescrições da lei que regulamenta o caso, havendo ali padres professores e amiudando-se visitas doutros que por lá aparecem, tal qual nas condições daquêlas duas senhoras, que tivéram, em tempos, por ordem dum antecessor de v. ex.ª, de ser expulsas da referida casa.

Compreende a ilustre autoridade superior do distrito que não deve ser permitido, por principio algum, a continuação dêste estado de cousas sendo necessaria e inadiavel a intervenção de alguem que fiscalise e pônha côbro ao que ali se está passando, conforme a lei determina.

E a lei é bem expressa a esse respeito.

MAIS VALE TARDE...

A Comissão Central de Execução da Lei da Separação acaba de nomear presidente da Comissão Concelhia de Administração dos Bens das Egrejas, o nosso amigo e correligionario, dr. André dos Reis.

Foi um acto de justiça que muito hem cabido era á mais tempo, mas a que a maldita politiquice se opôz com desprimor para a Comissão Central que não lucrou nada em agravar quem ao partido republicano de Aveiro tantos serviços tem prestádo.

Nós e o infamante "truc,, da visita do sr. dr. Bernardino Machado a um conspirador preso na Relação do Porto

Ainda que mais que suficientemente, por este jornal, restabelecida a verdade sobre o infamante *truc*, que se pretendeu por aí impingir como cousa sã e escorreita, relativo á visita do sr. dr. Bernardino Machado ao conspirador Jaime Duarte Silva, preso na cadeia da Relação do Porto, uma nova fumarada, que sobre o caso se torna a fazer com a mesma pretensa tentativa de fazer passar por ouro de lei o que é absolutamente pechisbéque, vêmo-nos obrigados a, ácêrca do assunto, dizer outra vêz da nossa justiça.

Nêste momento o caso resume-se em muito pouco: quiz-se dar ao encontro do sr. dr. Bernardino Machado com Jaime Silva uma intenção que não houve e ás palavras trocádas entre os dois, fins diversos daquêles que élas rigorosamente significáram.

Foi contra isto que nos insurgimos, foi contra êste *truc*, porque o *truc* está nisto, a emérita *talassaria!*—que nos revoltámos, procurando restabelecer a verdade em toda a sua limpidez.

Por aí se andou, com ares misteriosos, lendo e mostrando cartas manuscritas umas, á maquina outras, nas quaes se afirmava o **proposito da visita feita** e os entendimentos que néssa ocasião se pretenderam estabelecer!

O dr. Bernardino Machado convidára Jaime Silva a aceitar a chefia do partido democratico nésta cidade onde cêdo seria feito governador civil; o dr. Bernardino acompanhal-o-ia a Lisboa para aplanar dificuldades; o dr. Bernardino chorára de dôr pelas injustiças que vinham, de ha tanto, caindo sobre a cabeça **imaculada** *daquêle* **martir** *daquêla* **vitima** etc. Ai dos republicanos então, quando fosse dada vida áquêle cadaver e êle, resuscitádo empunhasse de novo o látego cruel com que, nos tempos idos, só por o prazer de ferir, de humilhar, de cuspir sobre todos e tudo as maiores afrontas, dêle tanto abusou!!!

Estas afirmativas fôram aceites como factos consumados e houve até um sectario imbecil que exclamou: *Arre que ainda heide governar em Aveiro!*

Foi contra tudo isto que nos revoltámos; foi contra a confirmação saloiamente indirecta que um papel local dáva ao infamante *truc*, afirmando que o dr. Bernardino Machado **fôra ali de proposito para falar áquêle nosso amigo e distinto conterraneo**, que nos pozêmos a caminho, procurando onde unicamente deviamos, a verdade em todo o seu inconfundivel explendor.

E assim, ao aparecer em público o resultado por nós obtido, o surdo clamôr de represo aplauso e manifesto crédito á repugnante atoarda, cessou como por encanto, tal qual braza que se apaga sob o jacto abundante da agua fria.

Que o bispo da Tripolitana, ou o imperador de Marrocos faláissem com Jaime Silva, nas condições em que lhe falou o dr. Bernardino Machado, absolutamente nada teriamos que observar.

Quantos individuos, velhos republicanos, dos quaes ninguem póde duvidar da verdade das suas crenças, teem visitado Jaime Silva e outros?

Já alguem aqui leu uma palavra de censura a esse acto? Modos de vêr e a responsabilidade de todos esses actos ficam sempre com quem os pratica.

No caso, porém, que se discute, havia que distinguir e distinguiu-se.

Se um imperador, um rei, um chefe de estado visita um hospital, mas fala com um doente, a visita não foi por isso ao doente. Foi, incontestavelmente, ao hospital.

O famoso conspirador, todavia, não quiz perder a ocasião e eil-o a botar comprida epistola, quando bastariam apenas umas determinadas poucas linhas, que lá veem, para nélas se resumir o que de facto se pretende apurar e em que se concretisa o unico ponto de partida dos nossos reparos:

Afirmo que o dr. Bernardino Machado não veio á cadeia da Relação, na passada segunda-feira, 22 de abril, de proposito para me falar.

E afirmo, não porque pretenda gosar a honra da visita do nobre diplomata como irrefragavel prova de consideração politica, pois só a tomei como deferencia pessoal que me obrigou; mas só por homenagem á verdade e só a éla.

E' uma simples e clarissima corroboração de quanto na sua carta afirma o sr. dr. Moraes.

E fóra disto, a missiva—como diria Mendonça e Costa— é tão simples que até inclue a estafada frase de que o nosso jornal lhe foi enviado *por mão anonima*, frase que um pouco mais abaixo, esquecida, permite que o seu autor afirme que ha dez mezes o vimos atacando—*certos da nossa impunidade pela desigual condição em que nós e êle nos encontrámos!*

Que réles farçante!

Nunca, por espontaneo proposito, nos temos referido a essa creatura, a não sermos a isso provocados pelos inconscientes defensores que á viva força pretendem adornal-o com qualidades e dotes que por principio algum esse cavalheiro possue.

Ainda ha bem pouco o classificávam de—*lidima individualidade da nossa terra!*

Sem o nosso veemente protesto é que não passam em claro taes afirmativas, que para os justificarmos, nos vêmos forçados a acordar e a citar cousas e factos, da sua triste vida.

De resto, essa desigualdade de condições não colhe. E não colhe porque, quem está em condições de vir para a imprensa de Lisboa e Porto defender o velhaco do Ribas e cobrir de injuriosos epitetos o regimen e os seus homens, tambem está nas condições de se defender a si proprio dos ataques que lhe são dirigidos, se ataque é o termo que quer dar ás verdades que aqui lhe temos dito.

Mas melhor do que nós, Jaime Duarte Silva, bem o sabe que ha cousas que se não podem defender porque não tem defeza possivel. E eis porque Jaime Silva, defendendo os outros, não se defende a si.

Como consideração derradeira, o final da carta, aquéla tétrica jeremiada, distribua-a Jaime Silva pelos jurados que por estes dias o devem julgar. Talvez concorra para demover aquêles *duros* corações...

Talvez...

Feriádo oficial

As câmaras votáram e o govêrno decretou, que o dia 3 de Maio, aniversário da descoberta do Brazil, seja considerádo de gala nacional e portanto feriádo.

A Lucta, pela penna do seu director politico, o sr. Brito Camacho, que, sem mais explicações, escreveu sob a impressão dos primeiros boatos, alude parabolicamente, num dos seus numeros, ao famoso, e *propositado* encontro entre o sr. Bernardino Machado e as taes duas creaturas que estão presas na Relação do Porto.

O sr. Brito Camacho não quiz perder o ensejo de uma beliscadéla no seu antigo coléga do govêrno provisório e de aí, exalta se, lembrando que se não fôra a *especie de luteranismo que tem feito, teria de gramar mais estes.*

Descance, todavia, o ilustre exministro que não terá de gramar... cousa alguma...

Os homemsinhos tomáram a nuvem por Juno, talqualmente vossa senhoria...

UMA CONFERENCIA

"POLITICA NAVAL,,

Sob êste têma faz um brilhantissimo discurso, no Centro Republicano, o 1.º tenente da armada, sr. Silverio Rocha

Foi no domingo. As salas do Centro achávam-se complétamente cheias de gente de todas as classes sociaes e no relogio da casa os ponteiros marcávam 21 horas e poucos minutos.

Junto ao estrádo, um membro da direcção, o sr. Magalhães, propõe para presidir á assembleia o ilustre governador civil do distrito, sr. Ribeiro de Almeida, que é recebido com uma prolongada salva de palmas, repetida quando s. ex.ª escolhe para seus secretários os srs. Rosa Martins, capitão de infanteria 24 e Arnaldo Ribeiro, redactor dêste jornal.

O sr. Ribeiro de Almeida agradece as manifestações com que sempre tem sido acolhido naquéla casa, a que se honra de pretencer como socio, sendo néssa qualidadeque ali se encontra no logar da presidencia embora não menos honrado se considerasse quando sentádo no meio de todos os concidadãos que o escutam.

Silverio Rocha

Em seguida, o sr. Ribeiro de Almeida traça o perfil moral do conferente. E' um homem, é um camarada seu que dignifica a marinha portuguêsa, impondo-se pelos seus vastos conhecimentos tecnicos adquiridos á custa dum trabalho persistente que tem sido a norma de toda a sua vida. E' um militar brioso, inteligente, que honra sobremaneira a farda que veste, como a Patria que o tem por defensor. Silvério Rocha, sobejamente conhecido em Aveiro, vai-nos dizer toda a verdade ácêrca do que pensa sobre *politica naval.* Ninguem mais competente do que êle para tratar dêsse assunto, já pelo que tem visto, já pelos estudos a que tem procedido, unica fórma de, conscienciosamente, mostrar ao auditório, duma maneira clara, iniludivel, a razão do que vai expôr. Tem a palavra.

Nêste momento é dispensada ao brioso oficial da marinha, que sóbe ao estrado, uma carinhosa manifestação de simpatia no fim da qual, o nosso amigo agradece á presidencia e de mais circunstantes a fórma bizarra como o recebêram. Depois começa o seu discurso:

O interesse mais acentuado, que agora merecem á opinião publica as questões da defeza nacional, já levou um parlamentar da Republica a manifestar a sua animadversão pelas tendencias militaristas, que segundo o seu módo de vêr esse interesse assignalava. Mas o que anti-militarismo de importação, que só póde entibiar energias tão necessarias no momento atual, assim visiona nas manifestações da opinião, reconhece o simples bom senso não ser mais que um sentimento mais perfeito dos perigos que pódem ameaçar a existencia da nacionalidade.

De resto, qualquer discussão mais ou menos metafisica sobre a guerra, todos coml preendem que seria absolutamente esterino periodo que vamos atravessando. A guerra existe, é um phenomeno determinado por causas economicas e, se lhe não atribuimos os beneficios de ordem moral que lhe atribuiu Moltke, considerando-a de instituição divina, basta-nos saber que a sua produção condensa em grande parte a historia da humanidade e que os seus males, principalmente para o vencido são de tal ordem que a sua previsão consóme ainda uma soma enorme de energias. As causas modificáram-se, os procesos transformaram-se, a duração diminuiu, a intensidade augmentou, mas o fenomeno prevalece o mesmo na sua essencia, constituindo o pesadelo da nossa civilisação. Bem se póde dizer que se construiu um palacio para a paz e se deixou o mundo para a guerra.

Ao pacifismo, que é uma generosa aspiração de percursores, e por isso mesmo está tão longe da realidade, oppõe-se uma concepção mais simples e mais utilitaria: a guerra existe, as despezas militares são o premio do seguro que as nações pagam contra a guerra segundo a importancia dos seus recursos, as nações pequenas deixarão

de o pagar quando as grandes nações, que dirigem os destinos da humanidade, deixárem de o pagar; quando os fórtes desarmarem e os fracos não perturbarem a paz.

O interesse que a opinião começa a manifestar pelos problemas da defeza nacional é um sinal de vida; bem orientado será um elemento muito importante para se chegar á melhor solução. E' porém necessario que essa opinião seja educada para que num dado momento éla não ofereça o perigo de uma força cega, irresistivel.

Até ha muito pouco tempo as questões militares não despertavam interesse fóra do ambito limitado dos meios technicos e póde afirmar-se que politica militar, na acepção scientifica que já podemos dár a esta designação, nunca existiu entre nós. Como na politica civil, não se travâram luctas proveitosas de principios, mas sim luctas estereis de personalidades.

A opinião pública nunca conheceu o objectivo que servisse de base a uma politica militar; foi conserváda sempre na ignorancia dos perigos provaveis; logicamente não se podia interessar por aquéla.

Pelo que respeita á politica naval o desconhecimento do objectivo politico de que a marinha fosse o instrumento, a anarquia mental da corporação de oficiaes originada numa educação defeituosa, a imprecisão dos principios absorvidos por esforço louvavel mas inteiramente extranho ás sanções da experiencia, o conflito entre as ideias modernas, vagas e inconsistentes, das gerações novas e a escola tradicionalista senhora do comando, retardáram a formação de uma concepção positiva do nosso poder naval. Os dirigentes politicos incompetentes para desempenharem a sua função orientadora muitas vezes atribuiram, com justiça aparente, a impossibilidade de organisar o nosso poder naval às tendencias dispersivas da corporação de oficiaes; cada cabeça cada sentença, diziam, e na verdade duma comissão que no regimen passado estudou o problema saíram simultaneamente tres parceres diferentes, correspondentes a outras tantas concepções da nova politica naval. E' quasi cérto porém que essa comissão nada sabia da nossa politica externa; é provavel tambem que o mesmo sucedesse a muitos dirigentes politicos.

Essa persistencia em ocultar sempre o que era de necessidade fundamental sabêr-se levou um oficial de marinha a afirmar publicamente que a politica externa da monarquia parecia o cofre da celebre M. Humbert: afirmára-se que continha milhões e quando abérto encontrára-se dentro um botão de ceroula.

Póde porém afirmár-se que nos ultimos anos a corporação de oficiaes dedicou uma grande parte da sua actividade mental á solução do problema, e, se esta não chegou a concretisar-se, o trabalho dispendido teve a vantagem de precisar e disciplinar opiniões, o que ha vinte anos seria impossivel conseguir-se.

Não se avançou mais porque o poder naval não é a resultante dos esforços de uma corporação, por mais ilustradá, mais competente, que éla seja; é a resultante de um grande esforço colectivo, prersistente, continuo, subordinado a um objectivo politico superior.

Este principio elementar de politica naval está sendo muito esquecido entre nós.

E' necessario evitar entusiasmos que deformam a realidade; é indispensavel coordenar ideias e definir elementos. A preparação para a guerra é um trabalho muito moroso; hoje nada se póde improvisar.

O nosso messianismo, sempre á espera do génio salvador que tudo faz brotar do nada, é uma condição de inferioridade de que nos devemos defender; o génio seria ôje incapaz de suprir os elementos de vitoria metodicamente organisados durante gerações.

Entre Iena, onde o génio e o método venceram e Sédan, onde o método sem o génio venceu a imprevidencia, mediaram 64 anos, periodo demasiadamente longo na vida humana, mas que demonstra bem quanto é necessario começar a preparar ôje as vitorias de um futuro distante.

E' necessario esclarecer bem a opinião publica, é necessario que se saiba para que precisamos de uma marinha de combate, que se conheçam as dificuldades a vencer para a obter, para que se possa medir bem a grandeza dos sacrificios a fazer.

. . . .

O conferente fez uma série de considerações sobre a politica na peninsula, sem ilusões, sem optimismos, nem pessimismos, cingindo-se ás lições da istoria e baseando-se nelas para definir o objetivo politico a que deve subordinar-se a organisação da nossa marinha, terminando por dizer:

Creio firmemente que a paz da peninsula constitue uma nobre aspiração do maior numero, especialmente entre nós, a quem não podem com toda a justiça ser atribuidas outros aspirações, que não sejam desenvolver as nossas forças economicas e moraes no sentido de bem cumprir o destino que a istoria nos impõe; a paz convémnos mas com dignidade e com justiça. Encarar a ípotese de uma guerra não é deseja-la; é apenas prevenir uma eventualidade sem qualquer intuito reservado. Nunca nos devemos esquecer de que os conflitos armados são em regra determinados por interesses economicos, e impreterivelmente necessarios muitas vezes para a sua expansão.

. . . .

Em seguida apreciou a ação combinada do exercito e da marinha em caso de guerra, e demonstrou que do dominio do mar dependia a vitoria e quaes as consequencias de uma derrota naval: a fóme, a paralisação de toda a atividade comercial e industrial, a rendição pela inanição. Sob este ponto de visto analísa a nossa situação na campanha de 1811 e atribue a causa primaria de vitoria à supremacia naval da Inglaterra.

A apreciação da nossa situação como potencia colonial segue-se logicamente na exposição.

Perante a rêde enorme de interesses que nos cerca torna-se impossivel organisar um poder naval capaz de os conter. A politica de alianças impõe-se, mas para que a nossa cooperação com uma potencia naval de primeira ordem seja valorisada, é necessario uma boa politica financeira e economica e a consequente organisação de um exercito e de uma marinha eficazes. E' erronio supôr-se que a simples posse do triangulo estrategico—Lisboa, Faial, S. Vicente—nos garante uma situação priveligiada; demais o triangulo só será estrategico quando os seus vertices fôrem pontos fortificados providos de todos os recursos para a guerra e um desses recursos é uma esquadra.

E' um ponto capitalissimo ilucidar a opinião publica ácerca do nosso objectivo politico; é preciso que nos habituemos a considerar serenamente os mais altos interesses da nação para que num momento de perigo se evitem agitações, movimentos incoerentes, que traduzem perdas de energia e paralisam a direcção.

Supondo que a esquadra de combate necessaria á nossa politica interna seria composta de 6 couraçados de 18:000 toneladas, 6 cruzadores exploradores de 4:000 toneladas, 12 contra-tropedeiros de 600 toneladas, seriam necessarios 60:000 contos para a adquirir.

A defeza movel com tropedeiros e submersiveis ainda absorveria uma verba importantissima. A seguir tinhamos a considerar as despezas com o pessoal, carvão, munições, sobrecelentes, conservação, reparações, a construção do arsenal e por ultimo a rapida desvalorisação do material impondo a sua substituição em prasos curtos. O esforço financeiro a realisar é, portanto, enorme. Facilmente nos convencemos de que uma marinha de guerra eficaz é a expressão mais perfeita da potencia financeira e economica de um paiz, e que nesta potencia estão as raizes do verdadeiro poder naval.

A reorganisação economica do paiz e a transformação dos processos administrativos serão a sua base.

Para mostrar o valor dos nossos processos administrativos apresenta um quadro comparativo entre a marinha austriaca, modelar na sua administração, e a marinha portugueza, referido a 1907.

Orçamentos: Austria 4:267 contos, Portugal 3:399. contos.

Deslocamento total da marinha austrica: 134:401 toneladas.

Deslocamento total da marinha portuguêsa; 15:078 toneladas.

Artilharia na marinha austrica 507 bocas de fogo.

Artilharia na marinha portuguêsa 108 bocas de fogo.

Tubos lança-torpedos, marinha austrica, 144.

Tubos lança-torpedos, marinha portuguêsa, 22.

Efectivo austrico 12:770 homens.

Efectivo português 5:698 homens.

Referindo a despeza á tonelada de deslocamento temos para a marinha austrica 31$000 réis e para a marinha portuguêsa 225$000 réis!

O conferente faz depois varias considerações sobre o aspecto financeiro do problema e diz:

Posto o problema politico a estrategia estabelece o problema naval, cuja solução compete aos especialistas trabalhando metodicamente sob o impulso do mesmo pensamento, até que o todo resulte perfeitamente ligado concretisando a conceção inicial.

Mas toda esta dinamica está intimamente ligada á questão financeira e economica; sem esta ligação não ha estrategia que passe do mais puro idealismo, tal qual tem sucedido a essa vaga estrategia naval dos gabinetes dos ministros e das cronicas parlamentares.

Dae-me boas finanças e dar-vos-ei uma boa marinha, escreveu um publicista.

Emidio Navarro sintetisou numa expressão dura e desconsoladora a verdade daquela afirmação; *o mar não é para pelintras* escreveu ele, quando preparava o espirito publico para uma renovação da aliança anglo-lusa. E é forçoso confessal-o, é um dever: as exigencias da nossa politica externa estão em contradição com a nossa debilidade financeira e economica. As despezas militares constituem, mesmo em países mais ricos, uma questão grave; para nós esta gravidade é muito maior, porque se o receio de qualquer emergencia nos impele para um esforço energico é muito dificil encarar a possibilidade de o realisar imediatamente.

Se esse esforço se tivesse de realisar já o povo português daria até a camisa para que a marinha fosse um facto, mas este sacrificio não teria fundado o nosso poder naval. Seria um esforço fóra das leis naturais, seria dar atividade efemera a um orgão desenvolvido com um fim especial em detrimento das funções vitais. Exgotado o primeiro impulso seria necessario recomeçar em condições mais desfavoraveis; tal é o preço porque se compram as fugas ás leis naturais.

Como no seculo XV uma forte organisação interna, um grande desenvolvimento economico, produziu a eclosão do nosso poder naval como instrumento necessario de expansão, no seculo XX o resurgimento do poder naval só será possivel quando a nacionalidade for um organismo forte.

Nada de iludir as dificuldades do problema sonhando economias que comprometem o fim que se procura. Na organisação naval o espirito de economia consiste em obter um rendimento maximo como um minimo de perdas; quando esse espirito consiste em deduzir despezas perdendo de vista o fim exclusivo da vitória, a economia paga-se com a derrota. Não iludamos a opinião publica a tal respeito.

E' portanto necessario trabalhar incessantemente, com metodo e tenacidade, fomentando riquezas donde possamos tirar o necessario para pagar o premio do seguro e passar o periodo agitadamente nacionalista em que vai evolucionando a nossa civilisação.

Depois o conferente considera a educação civica do povo sob o ponto de vista da politica naval e diz:

Quando Nelson, em Trafalgar, mandou içar o celebre sinal *A Inglaterra espera que todos cnmpram o seu dever* e Togo, em Tsuchima, fez outro sinal não menos celebre *a sorte do Imperio depende dos resultados da batalha de hoje*, não o fizeram levados por um impulso sentimental. Dirigindo antes do primeiro tiro de canhão mais um estimulo á vontade dos seus subordinadas eles punham em pratica o principio estrategico: *E' necessario que desde o generalissimo até ao mais simples soldado todos tenham a firme vontade de vencer.* Tal é o principio que deve presidir á formação da psicologia especial das multidões organisadas que são os exercitos e as marinhas. A congregação de todas as vontades, educadas para o fim exclusivo do combate, obtem-se pela ação de uma vontade superior transmitida por uma organisação irarquica que é a condição essencial de toda a economia militar. Se uma longa preparação sientifica militar póde formar uma classe de dirigentes militares á altura das grandes responsabilidades das guerras modernas, outro tanto não pode suceder com a parte não permanente dos exercitos e das marinhas. No soldado e no marinheiro hão de prevalecer as virtudes e os defeitos que ao seu carater póde imprimir uma educação civica mais ou menos cuidada.

A familia e a escola tornam-se assim os grandes colaboradores na execução do principio estrategico citado.

As instituições militares não são organismos isolados no seio da nação; estão intimamente ligadas á sua economia; resentem-se imediatamente das perturbações que a afétam.

Uma marinha reflete na sua organisação todo o caráter de um povo: a marinha ingleza a tenacidade, a iniciativa, o espirito pratico; a marinha alemã a disciplina scientifica; a marinha japoneza o metodo e o intenso sentimento patriotico; a marinha franceza, desorganisada, esitante nos seus objetivos e nos seus processos refléte intensamente a crise porque tem passado o caráter francez. No dia de Tsushima a marinha russa com a sua desordem, a sua incapacidade dirigente, a sua vontade exgotada, as suas defeções, foi bem a imagem da grande crise moral que caraterisa a decomposição do sistêma politico de um povo.

O conferente apresenta depois como uma das consequencias da prolongada decomposição do sistêma monarquico a falta de capacidades organisadoras. D. João IV importou Schomberg; o Marquês de Pombal, Lipe; D. João VI, Beresford; D. Miguel, Bourmont; D. Pedro IV, Solignac e Napier.

Nessa longa crise politica o poder naval anulou-se; só nos resta a tradição. A maior obra da Republica será por meio de uma ação dirigente educadora restabelecer a disciplina social.

Resumindo: a politica externa, a politica financeira e economica, a admistração, a educação constituem os elementos basilares de uma solida politica naval.

Vibrante, entusiastica e cheia de calôr, a manifestação com que na sala são acolhidas as ultimas palavras do conferente.

O sr. tenente Rocha, a quem o *Democrata* prêsta homenagem de sincéra admiração pelo seu talento e outros dótes que nêle se confundem com as suas virtudes, déve ter-se sentido satisfeito ao vêr que foi compreendido e o seu magnifico trabalho devidamente apreciádo.

Pela nossa parte, confessâmos, outra coisa não esperávamos de Silverio Rocha apezar de toda a sua modestia, de todo o seu retraimento.

MORALIDADE

Achâmos infinita graça ás *lidimas individualidades da nossa terra* quando falam na moralidade do *Mijarêta*. E que é um talento, um homem de prestigio, virtuoso, altruista, possuindo todas as bôas qualidades, etc., etc.

Contudo ainda ninguem foi capaz de apresentar a sua folha de serviços a Aveiro. De dizer o que é que Aveiro lhe déve, o que em beneficio da terra aí se fez por sua iniciativa que mereça elogios. Isso é que nós queriamos que os *jornalistas* dissêssem não confundindo favôres pessoaes com os interesses do público que foi, afinal, o unico ludibriado com a passagem déssa indocorósa creatura pelos logares que ocupou depois da sua indigna apostasía. Haja vista o estádo ruinoso em que deixou a câmara, a administração do teatro, o que praticou na Associação Comercial, no govêrno civil, em tudo, finalmente, onde meteu o focinho. Digam lá se são capazes, seus puritânos.

O *Mijarêta*! Sería a maior das ignominias se Aveiro consentisse, um momento sequer, que os seus destinos voltassem a ser geridos por quem tão fracas provas deu do que é e do que vále.

Fiquem sabendo os *jornalistas* que entoam hossanas em sua honra que o *Mijarêta*, pronúnciádo sem fiança como conspirador contra as instituições republicanas, morreu para a vida pública. Já nem no tribunal encontrará as facilidades que noutros tempos tinha e que lhe déram azo a adquirir as *simpatías* dos que o procurávam para lhes defender as poucas vergonhas, quando não os seus crimes.

Percebem?...

Rêde telefónica

Por iniciativa do digno presidente da Comissão Administrativa Municipal, sr. dr. Luiz Guimarães, de cuja actividade e inteligencia a ninguem é licito discordar, voltáram a fázer-se novas tentativas para o estabelecimento, em Aveiro, duma rêde telefónica que ponha em ligação as diferentes casas comerciaes e particulares, o que sem duvida é um melhoramento util e de grande alcance pelas vantagens futuras que nos póde acarretar.

Sabêmos que já se acham inscritos bastantes assinantes e que será uma realidade a tentativa de agora se a auxilial-a aparecerem mais alguns dos nossos conterraneos a quem não faça diferença á sua vida economica o dispendio de 10$000 reis, que é quanto custa cada instalação.

Transcrições

O nosso presado colêga *O Mundo*, reproduziu na integra não só a carta que restabeléce toda a verdade sobre o indecentissimo *truc* a que meia duziade garotos aí déram curso, carta que no nosso numero anterior aqui estampámos, mas ainda as considerações que nos sugeriu o porquissimo procedimento déssa gente e com que entendemos preceder o mesmo documento.

Por sua vez, a *Folha Nova*, do Porto, transcreveu tambem parte do nosso ultimo artigo *Historiando*, o que muito agradecêmos aos colêgas a penhorante deferencia.

Os clericais e o evangelho

Vos estis sal terrae et lux mundi. A cafila clerical *faz ouvidos de mercador* quando se lhe apresentam os textos que são a propria palavra do Deus vivo, segundo êles dizem, e cuja doutrina é a condenação da igreja, nas multiplas manifestações da sua actividade.

Amólga e não responde, porque entende, e com calculo, que a malandragem que os acaudilha por interesse, e o povo ignorante e ingenuo não vem com êles discutir a doutrina dos livros que são a mais fulminante reprovação da sua ignobil impostura.

A igreja, como está organisada, não mantém de pé um só dos grandes ensinamentos que o seu Cristo proclamou e as instituições que éla tem creado, unicamente para manter a sua ambição de nefásto predominio, umas tem desaparecido, outras são ferozmente perseguidas, porque a sua existencia mais não é do que uma série ininterruta de crimes que tem enlutado a humanidade. Os jesuitas e as ordens religiosas aparecem na historia, como autenticas quadrilhas de malfeitores e ociosos que, patrocinadas pela igreja, tem sido um trambolho á marcha progressiva do espirito humano que, a pouco e pouco, esclarecido e disciplinado pela sciencia, se ha de ir emancipando déssa teia de preconceitos que são a vergonha da civilisação.

Proclama a malta clerical, a seu respeito, as palavras de Cristo — *vos estis sal terrae et lux mundi*,—sois o sal da terra e a luz do mundo!

Nada mais nem menos do que os depositarios da virtude e da sciencia!

E como é que êles tem vivificádo aquélas palavras de Cristo? Em materia de virtude organisou, em sistema, a moral jesuitica, que é uma navalha de ponta e mola, e chegou a pôr em pratica uma tarifa de indulgencias para a remissão de todos os crimes, os mais repugnantes, como este que vem nas instituições de Pio V.— *Qui patrem et matrem suam carnaliter cognoverit, 30 libras tornezas!* — O que conhecer carnalmente seu pai ou sua mãe ficava limpo, pagando 30 libras tornezas! Nada de mais infame tem concebido o espirito humano em questão de moralidade; nunca sociedade alguma se afundou tanto que désse fóros de estatuto a infamias d'aquéla natureza! Pelo lado da sciencia sería longo enumerar e fazêr a historia da igreja que tem sistematicamente perseguido muitos investigadores que, nos resultados das suas lucubrações, contrariáram as ridiculas afirmações da biblia, desde a caricata e infantil concepção do mundo, até ao *Sillabus* de Pio IX, em que este nojento e estupido reaccionario chegou a anatematisar todos os resultados e esforços da sciencia! E' assim que a igreja tem interpretado até hoje o—*vos estis sal terrae et lux mundi.*

COERENCIA TALASSICA

Então era já honrado e digno sómente porque se lhe atribuiu uma visita — aquêle de quem, ha tão pouco, existia o retrato no escritorio do *visitádo*, coberto com um numero do *Pulha de Aveiro* no qual contra o retratádo se espêtoravam as mais ultrajantes ofensas?

Então já era honrado e digno aquêle de quem um dia, como se diz, não contente com a ofensa já praticada, se queimou o referido retrato, espesinhando as cinzas que restaram do indignissimo e repugnante auto de fé, levádo a efeito pela impossibilidade de se queimar a verdadeira pessoa, tal era o odio e rancor contra éla?

Então não bastaria o sobejo conhecimento dêsses actos pelo ofendido, para que todo o espirito, por menos esclarecido, repelisse a possibilidade, sequer, da verdade de tal versão?

Ou médem-se todos os outros pela grandeza moral dos seus caratéres e dos do *Mijarêta* e *Ratatonio*?

O' *ingenuos* bandalhos!...

"Portugal Democratico,,

E' este o titulo duma nova revista mensal que começou a publiica-se em Lisboa, profusamente ilustrada, imprêssa em papel assetinádo e de que são director e redactor principal, respectivamente, os srs. Victor de Souza e José do Vale, de sobejo conhecidos na imprensa do nosso país.

Propõe-se o *Portugal Democratico* coleccionar retratos e ligeiros perfis biograficos de cidadãos de todas as classes sociaes que pelo seu saber e civismo tenham prestádo ou possam prestar serviços relevantes á Patria e á Republica, pelo que nos dá nêste primeiro numero uma excelente prova fotografica do sr. dr. Afonso Costa acompanhada dum autografo do ex-ministro da justiça do Govêrno Provisório, cuja nitidez é absoluta. A Luiz Deronet, nosso presádo colêga do *Mundo*, conságra tambem o *Portugal Democratico* algumas linhas de homenagem ao lado do seu retrato, tratando, de resto, doutros assuntos palpitantes que tornam ésta revista interessante e por isso digna do favôr publico.

Muitas prosperidades lhe desejâmos.

Engulhos

Ao partido chamado *evolucionista*, do sr. Antonio José de Almeida, causou tanta estranheza a realisação de Congresso Republicano no Paço Arqui-episcopal de Braga, hoje pertença do Estado, que até no Senado o caso foi discutido por um dos seus adeptos, o sr. João de Freitas a quem o facto deixou perplexo por se tratar dum desrespeito á lei em face da qual, diz, não se devia consentir semelhante coisa.

O sr. ministro da justiça, porém, explica: Pelo disposto do artigo 111 da Lei da Separação, o Paço episcopal foi alugádo por tres dias, á razão de 4$000 por dia, o que é um acto legal. Lê os oficios das comissões municipal e paroquiaes de Braga ácêrca do pedido de arredamento e depois, virando-se para o ilustre senador *evolucionista* que o interpelou, acrescenta:

A lei da separação tem sido atacada apenas com palavras e não com argumentos. O Congresso de Braga não foi uma afronta á religião, e, quanto ás perguntas do sr. João de Freitas, responde que não deu, nem tinha que dar, autorisação para o Congresso se realisar no Paço Arqui-episcopal, pois a Lei da Separação permite ás suas comissões o cedêr os edificios religiosos, em posse do Estado, como facilmente se verá no citádo artigo.

E aqui termina a mesquinha questão que apenas nos deu a conhecer, o que não é pouco, a ignorancia de quem a levantou.

Teatro Aveirense

Com duas casas verdadeiramente á cunha, a companhia do Ginásio, de Lisboa, representou, na quarta-feira e hontem, as anunciádas peças, que fazem parte do seu escolhido reportório, *Cocotte* e *O rei dos gatunos*.

O desempenho nada deixou a desejar, distinguindo-se Antonio Cardoso e Telmo Larcher, que conservâram o público em constante hilariedade.

EDITAL CURIOSO

Por assim o considerármos transcrevêmos para aqui as sacratissimas palavras que um anafádo padre do Fundão lançou a público e que dão bem a nota da exploração que em todos os tempos se fez á sombra da egreja:

O abaixo assinádo, paroco désta freguezia, faz saber aos seus dignos paroquianos que, em virtude de a religião perigar com a muita falta de crença, advindo d'aí enorme falta de missas e mais actos religiosos, vai diminuir, na celebração destes actos, os seus honorarios, para bem da religião e dos povos, e cuja tabéla é a seguinte:

Missas, 120 reis.
Oficios, 500 reis.
(Para os que andam lutando pela nossa causa, são feitos de graça)
Sermões funebres. 1:000 reis
Sermões de gala, 500 reis.
(Excétua-se o do Sagrado Coração de Jesus, que é gratis).
Responsos, cada meia duzia, 30 reis
O resto é feito na devida proporção.

O paroco da freguezia
(a) *Domingos Antunes Moreira.*

Só o que lamentâmos é a redução ainda cá não ter chegádo porque, francamente, meia duzia de *responsos* por 30 reis, é invejável.

MUSEU DE AVEIRO

Numa das sálas do extinto convento de Jesus, hoje transformádo, em parte, numa rica exposição permanente de arte sacra ornamental, efectuou no domingo á tarde uma conferencia, para que fôram distribuidos largos convites, o distinto poligrafo portuense, sr. Joaquim de Vasconcélos.

Apreciadores das bélas artes, sobretudo do que diz respeito a pintura antiga, a palestra do sr. Joaquim de Vasconcélos agradou-nos pela sôma de conhecimentos que mostrou ter tanto dos objectos ali expostos, como doutros em que o erudíto conferente falou, dispersos por varios museus do país e estrangeiro, fazendo entretanto notar as preciosidades do nosso por quem os aveirenses se dévem interessar mantendo-o e ampliando-o quanto possivel para honra da terra, que com isso só terá a lucrar pela atracção de forasteiros ciosos de observarem o que de melhor existe no lendário mosteiro de Santa Joana.

O conferente foi apresentado pelo nosso amigo sr. dr. Joaquim de Mélo Freitas, um dos nossos conterraneos que mais a peito tomou a creação do museu e que têve para o seu organisadôr palavras de justiça a que não pômos duvida em nos associar.

Mas se o Museu de Aveiro é hoje um facto, não esqueçâmos tambem nunca o nome do dr. Rodrigo Rodrigues que, como governador civil dêste distrito, se interessou egualmente pela sua formação acompanhando e trocando ácêrca dêle amiudadas impressões com Mélo Freitas e Marques Gomes, até se conseguir definitivamente a sua instalação nas sálas do antigo convento.

A REUNIÃO DE BRAGA

Muito embora lha pretendam negar, o que é certo é que o Congresso do Partido Republicano historico realisado na capital do Minho nos dias 27, 28 e 29 de Abril findo, foi não só dos mais concorridos que até hoje se teem efectuado, pois que a êle acorreram para cima de 600 delegádos genuinamente republicanos, como ainda se tornou notável pela serena discussão dos assuntos apresentádos á assembleia por muitos dos congressistas, que a velha cidade dos arcebispos recebeu com toda a gentilêsa dispensando-lhes o maximo de amabilidades.

Entre outros, tomáram parte nos trabalhos do Congresso os srs. drs. Magalhães Lima, Afonso Costa e Bernardino Machado, tres verdadeiras glorias désta patria tão amada dos portuguêses e que sintetisam nos seus nomes todo um passado de lucta pelo ideal que nos veio redimir e ao mesmo tempo a esperança dum futuro que antevêmos próspero para a nação se a Republica tivér a inspiral-a o talento, a sinceridade e o desinteresse, que são a melhor caracteristica déssas incomparaveis figuras da democracia lusitana.

Por proposta do maior estadista português, o dr. Afonso Costa, e depois de aclorádа discussão em que tambem tomou parte Magalhães Lima e o deputado por êste circulo, Alberto Souto, defendendo-a, ficou resolvido que o Congresso de 1913 tenha logar em Aveiro, o que sem duvida é uma honra para nós que com isso muito nos orgulhâmos.

Afonso Costa se até hoje era querido dos republicanos aveirenses póde ficar intimamente convencido de que com a sua atitude se radicou ainda mais éssa simpatía no espirito público onde o seu nome tem sido repetido desde sempre com a maior veneração e respeito.

Para a frente! Deve ser esse o nosso lêma, o lêma de todos aquêles que combatêram e se sacrificáram sob a bandeira verde rubra, se não quizermos dar ao mundo o triste espectaculo que ha

quarenta anos nos foi dado observar para as bandas de Espanha. Esse exemplo, que nos oferéce a historia, é suficientemente elucidativo do mal que nos póde advir se nos desunirmos esfrangalhando o velho partido republicano logo após a conquista do podêr.

E' preciso cautéla, muita cautéla. E porque assim o entendêmos é que até ao presente ainda não arredámos pé do nosso antigo posto, onde continuarêmos a permanecer.

* * *

De Aveiro fizeram-se representar no Congresso algumas colectividades republicanas, sendo bastante numerosa a representação do distrito.

Na impossibilidade de alguem dêste jornal se deslocar da cidade durante os dias em que se realisáram as suas sessões, enviámos para Braga ao nosso amigo e colaborador, dr. Samuel Maia, o telegrama seguinte:

Dr. Samuel Maia.
Congresso
Braga.

Impossivel comparecer. Peço represente o Democrata, *que saúda o velho partido republicano ao lado do qual continuára combatendo.*

A. Ribeiro.

VENTOSAS

Digo sem hesitação:
tão béla, tão espontanea
como aquéla da estação...
na historia contemporanea
não ha manifestação.

Digam que não com furor,
mintam p'rái na folhêta,
mas o cérto é que, leitor,
á espéra do Mijarêta
foi da grei a fina flôr.

'Stava o Crispim, *o* Japão,
a mulher do Anicéto,
o Zé Carulho Varrão,
Cuca *e* Mápum *co'o prospecto*
da grandiosa função.

O Mariano Miguel
disse que foi, mas não gruda...
passou o pé, o infiel...
Quem s'teve foi a Canuda
e o Oliveira—o Manuel...

Fatia *diz que chegou*
para apertos o calor
que por Lisboa apanhou;
compensando e por favor
o Manhanhas *discursou...*

Foi selecta, pelo visto,
a concorrencia á estação,
e gostoso inda registo:
p'ra evitar a comoção
não fôram Béco *e o* Cristo...

* * *

Nota—A chamada das *Ventosas* do numero de 19 de abril precisa de uma ampliaçãosinha para ilucidação historica dos leitores do *Democrata*, que assim farão mais completa ideia da personagem de Proteu.

Proteu é uma interessante figura mitologica grega, que na antiguidade desempenhou importante papel.

Filho de Oceano e de Tetis, dizem uns, e portanto irmão de Anfitrite, filho do proprio Netuno e de sua esposa Anfitrite, dizem outros, Proteu éra o pastor dos grandes rebanhos marinhos, apascentando no mar de Carpatia em cujas grutas rezidia, as manadas das focas e outros monstros.

Neptuno ou Oceano déram-lhe o dom de lêr no futuro, e tão verdadeiras e exactas eram as suas profecias que sendo considerado como um verdadeiro oraculo, passou a vêr-se constantemente assediado por consulentes de variadas estirpes que, para segurança dos respectivos ôdres, desejavam saber, antes de se meterem em alhadas, os resultados provaveis das *intentonas* e *reviralhos* daquélas saudosas épocas...

Farto de aturar em repetidas consultas os *Mijarêtas, Fatias, Bécos* e *Marianos Migueis* daquêles remotos tempos, o nosso Proteu mudava de cara para que o não conhecessem ou transformava-se em um animalejo qualquer, de fórma que, quando um pobre fabiano, radiante com a espectativa de ir saber, fresquinhas da costa, as novidades que lhe iria contar o oraculo, que tinha por exemplo, a cara do dr. da rua do Sol, este que não estáva para aturar o fabiano maçador, ao presenti-lo, mudava de focinheira e aparecia-lhe com as ventas do *Tinhoso* ou outras quaesquer.

O consulente, vendo que o oraculo não era aquêle, retirava, até ocasião mais oportuna, em que o famoso Proteu, só para lhe fazer partida, lhe aparecia já com a cara chupada do Ataíde...

Ora eis ai está como o Proteu ficou sendo o simbolo dos homens... que mudam de cára, isto é dos homens sem caracter.

E foi por isso que o Sol, que julgava o Proteu, morto e bem morto nas profundas da Historia, lhe deu uma apoplexia no dia 17 que o levou o diabo, ao vêr aparecer o Proteu antigo na pessoa do *Mijarêta*, feito Proteu da Historia Contemporania e mudando com a mesma facilidade do antigo, a cára de *republicano*, para cára de *adeantamentos*; cára de *conspirador*, para cára de *cordeiro pascal*, etc...

UM SONHO HORRIVEL

Coordenado dum livro velho

Quando na infancia se nos conta, á lareira, que, junto da meia noite, ha horas em que, por sitios desertos vagueiam *almas penadas*, lobis-homens e outros fantasmas, os nossos sonhos se tornam então mais sinistros; erguem-se os mortos nas igrejas solitarias contrafasendo as piedosas praticas dos vivos,... horrorisa-nos então a morte por causa dos finados.

Quando se aproxima a escuridade desviamos a nossa vista da igreja sombria e de suas negras vidraças: os terrores da infancia, mais ainda que os seus prazeres, reassumem azas, com que volteiam em torno á nossa frente entregue ao sôno, durante a noite ligeira da nossa alma entorpecida.

Oh! Não apagueis estas faiscas... deixa-nos os nossos sônhos... ainda os mais sombrios... São êles ainda mais dôces do que a nossa atual existencia... conduzem-nos a essa idade, em que nas ondas da vida se refléte ainda o azul do céu.

* * *

Era uma noite de estio. Tinha eu adormecido sob a desagradavel impressão duma lenda, que ouvira pouco antes, e sonhei. Sonhei que me levantava no meio da noite, dentro dum cemiterio! O relogio batia 23 horas! Os sepulcros, todos, estavam entre-abertos! e as bronseadas portas da igreja, agitadas por dextra invisivel, se abriam e se fechavam com um ruido espantoso! Eu via ao longo dos muros esvairem-se sombras sinistras, que aí não eram projetadas por corpo algum! Outras lividas sombras se erguiam nos ares! e só os meninos mortos, repousavam ainda em suas campas. Havia no céu uma especie de nuvem parda, pesada, sufocadôra, que um fantasma gigantesco estreitava e comprimia em profundas rugas! Por cima de mim eu escutava o cair longiquo de montanhas de gêlo, e debaixo de meus pés a primeira comoção dum vasto tremor de terra! Vacilava a egreja toda, e o ar era agitado por sons despedaçadores que debalde procuravam harmonisar-se! A espaços, um palido relampago espalhava uma claridade sombria! Senti-me impelida pelo terror a procurar um abrigo mesmo 'no templo. Duas enormes serpentes chamejando fogo estavam colocadas ante suas formidaveis portas! E eu caminhei por entre a multidão de sombras desconhecidas em cuja fronte se havia estampado o sêlo dos vetustos seculos.

Todas estas sombras se apinhavam em volta dum altar desmoronado, agitando-se com violencia! Somente um morto, que recentemente tinha sido depositado na igreja, repousava envolto em seu lençol mortuario.

Não havia pulsação dentro em seu seio, parecendo que um sonho venturoso lhe fazia sorrir os labios... Mas, ao contáto dum vivente, êle despertou; deixou de sorrir-se, e, com penoso esforço, abriu suas palpebras entorpecidas. O logar dos olhos era vasio, e no do coração nada mais tinha do que uma ferida profunda!... Ergueu as mãos para resar; mas seus braços se alongaram desunindo-se do corpo e as mãos juntas lhe caíram por terra!

* * *

Na extremidade da abobada da igreja estava o relogio da eternidade: não havia aí algarismos nem ponteiros; porém uma dextra nêgra lá volteava com lentidão... e os mortos se esforçavam debalde por aí poderem lêr o tempo...

Então desceu lá do alto sobre o altar uma figura radiante, nobre, magestosa e altiva, trazendo impressos na fronte os vestigios duma dôr imortal!

Ao vêrem-na, os mortos exclamaram: «O' Cristo! não existe Deus?» E Cristo respondeu: Não; não existe!

Todas as sombras começáram então a tremer com violencia e Cristo continuou assim:

«Tenho percorrido os mundos, ergui-me acima dos soes, e lá... tambem não existe Deus! Desci aos extremos limites do universo, olhei para o abismo, e exclamei: O' Pai, onde estais?... Porém os meus ouvidos nada mais ouviram que a chuva que, gôta a gôta, caia no abismo, e a tempestade eterna que ordem alguma rége, me respondeu unicamente.

Levantando depois os olhos para a abobada dos céus, não encontrei mais do que uma orbita vasia, negra e sem fundo... A eternidade repousava sobre o cáos, e o devorada, e éla mesmo se consumia lentamente.

Redobrai vossas amargas queixas: agudos gritos dispersem as sombras porque nada resta!»

E as sombras penalisadas e desiludidas se esvairam, como vapôr esbranquiçado que condensára o frio.

Bem depressa se tornou a igreja deserta. Mas de improviso—espétaculo horrivel — acorrêram as creancinhas mortas, que tambem despertaram no cemiterio, prostraram-se ante a figura magestosa que ainda estava sobre o altar e disseram por entre lagrimas: «O' Jesus, não têmos nós porventura um pai?» E Jesus lhes respondeu num pranto copioso:

«Todos somos orfãos! Nem eu nem vós têmos pai!»

A estas palavras abismou-se o templo e as creancinhas, e todo o edificio do mundo se esvaeceu ante mim na sua imensidade!...

. . . .

Albergaria-a-Velha.

Maria Rezende

(Ex-Educanda do Convento das Trinas).

Cinematografo

Com as sessões de terça-feira terminou a época cinematografica nésta cidade, que a empreza Vieira tinha inaugurádo nos principios de novembro do ano pretérito.

Porque o cinematografo constitue hoje uma verdadeira escola, em que, por meio da fotografia animáda muito se póde aprender, deixariâmos de cumprir a nossa obrigação se não exprimissemos néstas colunas ao sr. Augusto Vieira, representante da empreza, o quanto deveria ter sido proveitosa para os frequentadores do teatro a sua iniciativa pela grande variedade de assuntos que ali se desenroláram aos olhos de todos com a maxima perfeição e nitidez.

Já que não têmos dinheiro para viajar, ao menos valha-nos o cinematografo... a seis vintens.

Os espectaculos de despedida fôram dedicados á imprensa local, agradando imenso a fita representativa da expedição do capitão Scott ao Polo Sul.

Inauguração dum centro democratico

Na vila de Estarreja é no domingo inaugurádo com grande brilhantismo o *Centro Republicano Democratico*, que alguns dos nossos correligionarios, á frente dos quaes se encontra Francisco de Almeida de Eça, fundáram ha perto de dois mezes.

Ha todas as probabilidades de que ali se reunam nêsse dia, além doutros, os srs. Dr. Bernardino Machado, França Borges, Alberto Souto, padre Narciso Alves da Cunha, Gastão Rodrigues, Sá Pereira e dr. Barbosa de Magalhães a quem fôram dirigidos convites e que prometêram honrar com a sua presença os republicanos do proximo concelho.

O *Democrata* far-se-ha representar, talvez, pelo seu director cuja presença foi tambem solicitáda com insistencia.

Triste nova

Com data de 7 de abril ultimo, comunicam-nos de Matadi (Congo Belga) a morte do nosso patricio Rufino Regála, que ha aproximadamente tres mezes embarcára afim de se empregar numa das principaes casas de comercio daquéla terra.

Rufino Regála foi atacádo pelas febres, mas não fôram élas que o vitimáram. O infeliz, num momento de loucura, atirou-se ao rio Zaire onde pereceu afogádo sem que ninguem lhe podésse valer.

Este acontecimento produziu no Congo uma dolorosa impressão, que cértamente os seus amigos de Aveiro tambem dévem sentir ao saberem da morte tragica do estimádo rapaz para quem a vida foi tão ingrata.

A toda a sua familia, os nossos pêzames.

Match

Como dissémos, realizou-se o *match* de *foot-ball*, entre o *team* academico désta cidade e o da escola portuense Raul Dória, que aqui veio no domingo passado, juntamente com um numeroso grupo de condiscipulos e o seu professor, nosso bom amigo Humberto Beça.

Abrilhantou o acto, que foi extraordinariamente concorrido, a banda do regimento, tendo ocorrido varias peripecias proprias da lucta e que entusiasmaram a assistencia, havendo por diversas vezes muitas palmas. O jogo terminou por um *goal* obtido pelos nossos academicos, contra zero.

Seguiu-se depois o *copo de agua* que lhes foi oferecido numa das salas do liceu, trocando-se afectuosos brindes, enaltecendo os nossos visitantes, a lealdade dos seus adversarios e a gentileza da recéção, e afirmando as gratas impressões que todos levávam da sua visita aqui.

Pela nossa parte muito nos satisfez que tudo corresse como presenceámos, fazendo votos para que se repitam estas festas de camaradagem e aproximação academica.

1.º DE MAIO

Manhã bonançosa, cheia de luz, céu limpido, de azul esbatido, léve brisa que respiramos com prazer.

Percorre as ruas a Banda dos Bombeiros, fazendo ouvir o hino consagrádo ao dia, queimando-se foguetes em diversos pontos.

A's 10 da manhã realisa a sua anunciada conferencia, a convite da *Associação dos Construtores Civis*, o cidadão Serafim Cardoso Lucêna, honrado operario portuense e um dos mais acrisolados defensores das regalias proletárias.

O orador historiou o crescente movimento operario, salientando as datas mais notaveis da luta em que êle com todo o direito se vem empenhando, e aconselha a assistencia, onde estáva numerosamente representado o nosso operariado, toda a coesão, toda a solidariedade na conquista do seu ideal.

O orador, que teve de suspender as suas judiciosas considerações a tempo de não perder o comboio, onde deveria seguir para Ovar, pois têve naquéla vila, por sua vez, de se fazer ouvir, foi por muitas vezes entusiasticamente aplaudido pela assembleia, que premiou o calor e a sinceridade das palavras do honrado artista, cobrindo-as de palmas.

As que batêmos, nascêram de egual sentimento.

Muitas daquélas visitas tornam-se precisas como meio educativo de que necessita o operariado.

Bem haja a iniciativa dos Construtôres Civis.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MAIO	
DIAS	PHARMACIAS
5	BRITO
12	LUZ
19	RIBEIRO
26	ALLA

Avaliação de predios

Foi pedida ao ministério da guerra pelo das finanças relação dos oficiaes das diversas armas que desejem fazer parte das comissões encarregádas da avaliação dos predios rusticos e urbanos para a organisação das novas matrizes.

Consta-nos que de infanteria 24 se ofereceram alguns oficiaes.

NOTAS DA CARTEIRA

Depois duma tormentosa viagem aos Açores, acha-se já entre nós o sr. Antonio Henriques Maximo, velho capitão da marinha mercante.

Cumprimentamol-o afectuosamente.

= Chegou á sua casa da Oliveirinha, vindo de S. Tomé, o dr. Arnaldo Vidal, que aí desempanha as funções de delegado do Procurador da Republica,

Vem com demora de alguns mezes e de visita a sua estremosa familia.

= Visitáram-nos nésta redacção os nossos correligionarios Casimiro de Almeida Barreto e Bento Coelho Henriques que se faziam acompanhar dum amigo comum, ha pouco chegádo do Pará.

Agradecêmos.

= Egualmente nos foi grata a visita do sr. Manuel Rodrigues Néta, vindo tambem do Pará, por quem soubémos noticias do nosso presado amigo Nunes da Silva, que nos encheram de satisfação.

= Consorciáram-se na Oliveirinha o sr. João Figueira Caniço com a sr.ª Emilia Rebêlo estando para bréve o enlace da sr.ª Maria de Jesus Figueira com o sr. Serafim Simões Lameiro.

Os nossos parabens e um futuro cheio de prosperidades.

= Tambem ha pouco se uniram pelo matrimonio o conceituado artista Jaime Marcos de Carvalho com a menina Maria da Luz Moreira, gentil tricaninha da Beira Mar.

Testemunharam o acto civil os srs. Luiz da Cruz Moreira, José Marcos de Carvalho, Augusto da Costa Guimarães e Maria da Purificação Moreira.

Aos noivos desejâmos todas as venturas de que são dignos.

= Adoeceu, embora sem gravidade, a sr. D. Alice Brito, esposa do sr. Amadeu Tavares Pinto.

= Deu á luz um menino a esposa do sr. Eduardo Coelho da Silva, com estabelecimento de chapelaria na rua Direita. Foi registádo no dia 25 do mez findo com o nome de Joaquim Coelho Huet e Silva, tendo servido de padrinhos seu tio, o sr. Antonio Coelho da Silva e a avó paterna Henrequêta Emilia da Costa Ramos.

Muitas felicidades.

O JESUITA

Sumiram-se no tempo os velhos Ideaes,
a crença ingenua e viva, o dôce mysticismo,
Os sonhos da alchimia, as virgens medievaes,
Os extasis da fé, as sombras do ascetismo.

Morreram pelo espaço os vividos cantares
das dôces aldeãs nas grandes procissões
pela seara sem fim, á beira dos pomares,
numa toada que afunda em lucto os corações...

Nas fundas amplidões das grandes catedraes
deixaram de ecoar, lá pela noite escura,
do velho Arcediago os passos deseguaes,
ao surdo remorder duma paixão impura...

Emudecem no côro as virgens soluçantes,
que murchavam na sombra a face branca e lisa,
e não se avista já, ás luzes ondulantes
imersa num fulgor, o vulto de Heloisa...

Um sonho que passou! fantastico, absorvente,
feito de noite opaca e auroras boreais,
entre a voz do Terror que ulula estranhamente,
e longinquas canções de côros virginaes!

Um sonho que passou! A limpida manhã,
num bondoso sorrir de Pascoa festival,
desafoga a alma opressa, espanca a sombra vã,
clareando a perspectiva ingente do Real.

O Pensamento emfim desperta do letargo,
e, novo cavaleiro, ás pugnas da certeza
partia, saudando a luz, revoltamente, ao largo,
na grande ventania hostil da Natureza.

Renasce o amor da vida, a força,—a confiança
que é como um lago azul em que a Alma anda a vogar;
e o marinheiro audaz descanta a boa-esp'rança
nos longes do Oceano, o tenebroso mar!

A Consciencia vem, á boa luz fagueira,
alegre colegial saida do convento,
coroar-se, a sorrir, da flôr da laranjeira,
como as noivas gentis nas veigas de Sorrento!

Então... pairou no céo, como am fatal planeta,
que vela a face ao Sol e o mundo precipita
numa noite polar—a vasta mancha preta,
a aza colossal do negro Jesuita!

Na morna lividez dêste indeciso dia
descolorido e longo e cheio de incerteza,
como pendeu Jesus na tarde da agonia,
o mundo se afundou nas sombras da tristeza...

Perdida para a fé a flôr do entusiasmo!
Descrente da ascenção que ao novo Ideal conduz!
imovel no terror! vergando no marasmo
á torpe exploração em nome de Jesus!

Por isso nos invade a negra hipocondria.
O fundo desalento, a triste consunção
que mina surdamente a alma inerte e fria,
Como um verme que róe nas trévas dum caixão!

Involve-nos ainda a noite da roupeta!
Colou-se-nos á carne esta mortalha preta,
e accende-nos o sangue em rabidos acessos
a capa envenenada! a tunica de Nessus!...

Expulso o Jesuita! estolida ilusão!
Nos costumes do lar, no horror da inovação,
na educação geral, no culto da rotina,
projecta-se amplamente a sombra da batina!

A frouxa indecisão nas luctas do presente,
o morbido pezar que afoga internamente
a crença no porvir,—que o espirito sopita
na atrofia moral... é elle o Jesuita!

Traçou-nos os sinâis de raça estacionaria!
Habita dentro em nós, enorme Solitaria,
Vivendo obscuramente a vida das entranhas!...
Confrange-nos a dôr em contracções estranhas!

E' tempo de expulsar o ignobil parasita
que se incarnou na raça e dentro em nós palpita
—a tenia colossal!
E caiba-nos a gloria
de a arremessar por fim... ás sentinas da Historia.

Henriques da Silva.

CORRESPONDENCIAS

Pinheiro, 1

O *circuito do Minho*, em bicicleta, foi efectivamente ganho pelo nosso conterraneo Joaquim Dias Maia, que mais uma vez soube manter os seus justissimos creditos de *estradista* distincto, batendo os seus terriveis competidores Marques Sá e Larangeira Guerra, que ficou em segundo logar.

Como noticiámos, o sr. Maia entrava na categoria de *corredor forte*, representando o *Sport Club Progresso*. Os seus amigos e admiradores preparam-lhe uma manifestação de simpatia pelo triumfo obtido.

= Victima da tuberculose, faleceu no logar do Ameal-Alquerubim, o nosso saudoso amigo Antonio Barrêto, republicano da velha guarda e um habil artista.

Aplícado e inteligente, o seu nome, após a proclamação da Republica, foi indicado para diversos cargos os quaes infelizmente ocupou por pouco tempo. Deixa viuva e filhos em precárias circunstancias.

Lamentando sinceramente tão profundo golpe, apresentamos a sua familia, e em especial o seu irmão Silverio, a expressão do nosso pezar.

—Tambem no mesmo dia e com algumas horas de diferença, realizou-se o funeral do sr. Joaquim Caetano do Pereiro, Alquerubim, acompanhando-o, até á ultima morada, a musica *Velha União*.

A toda a familia enlutada os nossos pezâmes.

— Um *Bébes* qualquer, que se diz do proximo logar d'Alquerubim, se não fôr o autentico, deposita nas colúnas do *orgão* quatro vomitos de puro carrascão... a proposito da festa que aqui têve

logar, quando da inauguração do retrato do chefe de Estado, na nossa escola oficial. Festa humilde, é certo, sem ofendermos nem melindrarmos ninguem—falando-se sómente a verdade em alto e bom som—e, apezar de tudo, quem nos faria prever que um *Bébes* qualquer, tentaria vomitar-nos em cima... por cousa tão pouca...

=Continúa muito doente nas Azenhas o sr. Francisco Martins Sant'Ana, a quem desejâmos o seu restabelecimento.

=Em Loure, em tratamento duma pneumonia, a sr.ª Maria Nunes de Abreu e no Fial, de Alquerubim, um filho do sr. José Marques Frias.

Pelas melhoras dos enfermos os nossos mais sincéros votos.

— Tem feito dias lindissimos, mas excessivamente quentes, sendo magnifico o aspecto dos campos.

C.

Oís da Ribeira, 24 de abril

Pensei que á hora a que escrevo estas linhas já pudésse elucidar o público da vinda aqui, no proximo domingo, dum padre para dizer missa na nossa egreja a convite da comissão cultual désta fréguezia, e que para isso tem trabalhado com afan. Mas não podêmos já afiançal-o visto a comissão ainda não ter vindo de Agueda, aonde foi tratar do assunto.

O que é cérto é que os republicanos querem que se convide uma musica para abrilhantar o acto, e por seu lado os inimigos da Republica espalham com muita insistencia, que as pessoas que fôrem ouvir a missa á igreja ficam excumungadas! E' uma perfeita pandega, amigo leitor, viver nésta terra em que homens grandes, mas de inteligencia mesquinha, se opõem á boa harmonia que entre os habitantes désta laboriosa freguezia devia existir e isto só por causa do mando.

E' horrivel, senhores! Num país civilisádo como o nosso haver tresloucados que não amam a sua Patria e nem até a sua propria terras é de mais. E são estes mesmo, que se queixam amargamente de que os republicanos são desordeiros e provocadores! Que falta de senso e coerencia, caros conterraneos! Parece incrivel que se dê noutras partes o que se dá aqui, casos que são a maior vergonha para todos nós pelo atraso em que nos colocam.

Mas os verdadeiros culpádos sabêmos nós quem êles são e por isso não haja duvida que nem todos se deixarão ir no enchurro, posto que isso alguma coisa contrarie o famiger adc...Quinsinho...

C.

MOVIMENTO MARITINO

Barra de Aveiro

De 24 de Abril a 1 de Maio corrente não houve movimento de navios.

=Vae reunir o Tribunal Comercial Maritimo de Aveiro para julgar o maritimo Manuel da Rocha, filho de Diniz da Rocha, désta cidade, por ter desertado de bordo do lugre *Dolôres*, pertencente á *Parceria Maritima Aveirense*, que dêste porto saiu para os Bancos da Terra Nova, com escala por Lisboa, em 2 de Abril findo.

O mesmo Rocha acha-se detido nas cadeias désta cidade.

O Tribunal está procedendo ao levantamento do auto contra João da Cruz, de Ilhavo, ex-capitão do hiate *Sofia* pertencente á *Parceria Maritima Ilhavense* por ter abandonádo o mesmo navio quando encalhou no baixo Sul da barra no dia 18 do mez passádo, como noticiámos.

ANUNCIOS

Atelier de Modista por córte, sistêma francês

Nêste atelier executam-se todos os trabalhos, por figurinos por muito dificeis que sejam, quer para senhoras, quer para creança, assim como se executam enxovaes para noivos, garantindo-se o bom acabamento e modicidade nos preços.

Tambem se dão *lições* do mesmo *córte*, por preços combinados.

R. dos Mercadores, 20

AVEIRO

CREADA

Oferece-se para acompanhar uma familia para o Rio de Janeiro ou outra qualquer parte do Brazil.

Carta a esta redacção com as iniciaes Z. C.

Juizo de Direito

DA

COMARCA DE AVEIRO

ARREMATAÇÃO

(1.ª publicação)

No dia 12 de maio proximo, por 11 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial désta comarca sito na Praça da Republica désta cidade e nos autos de execução requerida por Maria Marques de Jesus, de Mataduços, contra seu marido José dos Santos Neto, ausente no Brazil, vae á praça para ser arrematado e entregue a quem mais oferecer o seguinte predio pertencente e penhorado ao executado: O direito que o executado tem a uma quarta parte de uma terra lavradia e pertenças sita no Monte Pequeno, limite do Paço, freguezia de Esgueira.

Pelo presente são citádos os crédores incertos.

Aveiro, 30 de abril de 1912.

O escrivão do 3.º oficio

Albano Duarte Pinheiro e Silva.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão.

Le Miroir de la Mode

Atelier

DE

CHAPEUS e VESTIDOS

Nêstes *ateliers* executam-se com toda a perfeição e rapidez os artigos inerentes aos mesmos.

Satisfazem com prontidão todas as encomendas que lhes fôrem pedidas para a provincia para o que enviarão os respectivos figurinos tanto para a escolha de chapéus como de vestidos. Confeccionam enxovaes para casamentos e batisados.

Pedidos para a Praça Carlos Alberto, n.º 68—PORTO.

Emprestimos sobre penhores

Casa fundada em 1907

Rua da Revolução

e Travessa do Passeio

N'esta acreditada casa, por um juro limitadissimo, empresta-se dinheiro sobre todos os objectos que offereçam garantia como: ouro, prata, brilhantes, roupas, mobilias bicycletas, etc., etc.

Os emprestimos são realisados estando os srs. mutuarios completamente sós.

Absoluta seriedade e segredo em todas as transacções.

João Mendes da Costa.

Carroceiro

Precisa-se que saiba escrever. Bom ordenado.

Carta a esta redacção com as iniciaes. M. C.

LENHA

Vende-se graúda e sêca a 4$000 reis o cento, posta á porta do comprador.

Para tratar com o padeiro Caváco, na rua do Gravito, désta cidade.

PREDIO. Vende-se um na rua de José Estevam.

Tráta-se com Viriato Ferreira de Lima e Sousa, morador na mesma rua.

Antonio Lebre

Diagnostico do Carbunculo bacterico pela reacção d'Ascoli

Um vol. ilustrado—300 reis

A venda nas livrarias.

O HOMEM REJUVENESCE

Se aos homens de edade é triste a perda de energia que os anos acarretam, aos novos é então devéras dolorosa a ausencia da vitalidade, que lhes tira a alegria da vida, o prazer da existencia. Pois bem, o DR. SCOTT, medico eletricista, cuja fama está universalmente espalhada, chegou, no fim de 30 anos de experiencias, a achar a solução para restaurar a fraquêsa dos orgãos genitaes, seja qual fôr a edade ou a causa dêsse enfraquecimento. **O suspensorio eletrico-magnetico** de sua invenção, garante **rejuvenescer e vitalisar.** Todos os exaustos de forças pódem reavêl-as e conserval-as permanentemente.

Estes **Suspensorios** estão sempre carregados, não necessitam banhos e por conseguinte não causam irritação alguma. Usam-se como os suspensorios comuns e duram muitos anos **conservando sempre a mesma influencia elétro-magnetica.**

PREÇOS (**Standard** .... **5$500**
(**Força Extra** .... **7$500**
(« « **XXX** .. **9$500**

Para a provincia e ilhas, mais 150 reis; Africa, 405 reis.

LISBOA

M. L. DE MELLO, Largo de S. Julião, 12, 1.º

Loteria

DA

Santa Casa da Misericordia de Lisboa

60:000$000 REIS

Extracção a 13 de Junho de 1912

Bilhetes a..... 30$000
Quadragesimos a.. 750

A tesouraria da Santa Casa incumbe-se de remeter qualquer encomenda de bilhetes ou vigesimos, logo que seja recebida a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao tesoureiro, á ordem de quem devem vir os vales, ordens de pagamento ou outros valores de pronta cobrança.

A quem comprar 5 ou mais bilhetes inteiros desconta-se 3 °|₀ de comissão.

Remetem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 2 de maio de 1912.

O tesoureiro,

L. A. de Avellar Telles.

PRÉDIO EM AVEIRO

Deseja-se comprar um. Diririr propostas a José Maria Tavares, de Sarrazolla, ou então falar com João da Costa Ferro, morador no Largo do Côjo, désta cidade.

FOTOGRAFIA

—=CARVALHO=—

Officina mechanica de cartonagem photographica modelar

27, Rua do Passeio Alegre, 29

ESPINHO

Execução dos mais modernos trabalhos photographicos. Retratos cloridos a oleo, aguarella e pastel, sobre porcellana e marfim, o que ha de mais moderno e artistico.

Retratos em esmalte, miniaturas para medalhas, perfeitas e inalteraveis.

Reproducções de qualquer retrato por mais deteriorado que seja o seu estado.

Effeitos de luz, transformação de vestidos e penteados, etc., etc.

Retratos (duzia) 500 rs.
Ampliações inalteraveis a 2$000 rs.

Filial em Aveiro

RUA DO GRAVITO, 86

VENDE-SE um aparador grande em bom estado.

Nésta redacção se diz.

CASA

Vende-se na rua de Santo Antonio, quasi em frente á rua da Arrochela.

Nésta redacção se diz com quem se trata.

OFICINA DE CALÇADO E DEPÓSITO DE CABEDAES

DE

José Migueis Picado Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude das condições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

Rua 5 de Outubro

AVEIRO

Farinha PHOSPHO-NOURISHING

MARCA POMBA

E' um alimento nutritivo e saboroso para todos os organismos, creanças, convalescentes e adultos. Facilita a dentição e reconstitue o organismo. Recomenda-se por si. A' venda na *FARMACIA RIBEIRO*, rua Direita, Aveiro, onde se distribuem, gratuitamente, amostras e prospectos.

Peçam sempre a farinha marca POMBA.

Preço de cada lata, 450 reis.

Pharmacia Ribeiro

DEPOSITO DE DIVERSOS PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

Aguas mineraes, naturaes do paiz e estrangeiro.

Fundas, Pessarios, Algalias, Mamadeiras, Suspensorios, Seringas de vidro e de metal, Borrachas, Insufladores, Bombas para tirar leite, artigos de pensos, sabonetes medicinaes, etc., etc.

Especialidades pharmaceuticas, nacionaes e estrangeiras, e muitos outros artigos com applicação medica e cirurgica.

Aviamento de receituario feito com o maior escrupulo e promptidão a qualquer hora do dia ou da noite.

Unica pharmacia onde se prepara o verdadeiro remedio contra a ictericia, de tão maravilhosos effeitos.

Rua Direita—AVEIRO

Padaria Macedo

PRAÇA DO COMMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespanhol, dôce, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc.

CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

Constituição da Republica Portugueza

Um folheto de 32 paginas contendo além da Constituição, os decretos de abolição da monarquia, proscripção dos Bragança, composição da Bandeira Nacional, dotação presidencial e uma análise-critica á obra da Republica.

Envia-se franco de porte a quem mandar um vale do correio de 100 réis a J. Cunha, rua das Farinhas, 3, 2.º—Lisboa.

20 °|₀ aos revendedores.

VENDE-SE

Torrão bom para muros de marinhas, calhau, pedra britada ou por britar, saibro com pedra ou sem ella, o melhor para construcções e reparação de estradas.

O transporte pode ser feito em barcos para as malhadas ou ribeiros que tenham communicação com a ria de Aveiro.

Os contratos deverão ser feitos com o annunciante, José Rodrigues Pardinha, morador em Sarrazolla ou então, em Ilhavo, com o sr. Manoel Francisco Curujo, o Ferreiro, que dará as necessarias informações.